

REESCRITURA: PROFESSOR POLICARPO, AMOR EM MICROCONTOS

Damiana Maria de Carvalho (UERJ e EMPP)
damianacarvalho@ig.com.br

RESUMO

Quem bate os olhos pela primeira vez no título do segundo capítulo do “livro” *Professor Policarpo: amor em microcontos*, produzidos pelos alunos do 9º ano, turma 1901, da E. M. Pereira Passos, tem a impressão de que há implicações que convidam o leitor a conferir e a testar suas intuições. De fato, não apenas intuições serão ou não confirmadas, mas o leitor descobrirá também que está diante de um “livro” que dialoga com o autor e com o clássico *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, porém com uma linguagem nova. Para isso, tomamos como referência o texto de Antonio Gil Neto (www.escrevendo.cenpec.org.br), intitulado “No microconto, a essência. E um mar de inéditas histórias”. Pensar no leitor a quem pretendemos direcionar a nossa escrita é muito importante. Segundo Antonio Gil, “sem ele, seu repertório, e gana o microconto não terá vida”. A esse respeito ele pensou: “quantos contos, novelas, romances estarão guardados num simples microconto? No fio da meada criadora, um microconto se transformaria em conto (e vice-versa). É só alinhar personagens as tramas, deixar vir à tona os desfechos que (re)pousariam nas palavras.” (p. 02). Na reescritura do “livro”, há uma grande parceria entre nós. O objetivo primeiro foi mostrar aos alunos que eu também estou envolvida com o ato da leitura e da escrita. Escrevi, por exemplo, a primeira parte do “livro”: Lima Barreto: vida e obra, para que eles a tomassem como referência e percebessem que também são capazes de escrever coisas interessantes. Durante todo o percurso do projeto, procuramos guardar a ideia de que “mais do que contar uma história, o microconto tem a função de sugerir diversas histórias” (GIL NETO, p. 02). É sobre o desenvolvimento desse trabalho que falarei no curso.

1. Trilhas do percurso

Um projeto não nasce do nada. É preciso percorrer um longo caminho até que ele ganhe forma. Durante minha graduação em Português/Italiano, mais especificamente em uma das aulas de Literatura Brasileira, a profª Ana Chiara nos recomendou a leitura de *Lucíola*, de José de Alencar. Em outra aula, ela convidou o escritor Gustavo Bernardo para falar sobre o seu novo livro, *Lúcia* – uma reescritura de *Lucíola*. Esse foi o meu primeiro contato com o ato de reescrever, de dizer o já dito de outra forma, em outro tempo, em outro lugar etc. Ao terminar a faculdade, fiz Especialização em Literatura Brasileira. Mais uma vez entrei em contato com textos que dialogam com outros textos, a exemplo de *O Campeonato*, de Flávio Carneiro. Em seguida, cursei o Mestrado, também em Literatura Brasileira, determinada a pesquisar o sentido da reescritura na pós-modernidade. Assim o fiz e deu muito certo.

Em 2010, participei da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*. Entre os alunos que orientei, uma aluna foi finalista com o gênero crônica: *As Cidades*³⁶. Para ganhar esse concurso, tivemos um trabalho intenso de leitura, escrita e reescrita. Por ter sido professora finalista desse concurso, fui convidada, em 2011, pela comissão organizadora do concurso, CENPEC, a enviar um projeto de leitura e escrita que eu já houvesse desenvolvido com meus alunos ou que pretendesse desenvolver. Um ponto singular no projeto deveria ser a possibilidade de abrangência nacional. Ou seja, a sua aplicabilidade não poderia se restringir a uma escola, um Município, uma região – urbana ou rural-, mas a qualquer Município e escola do Brasil. Então, não tive dúvidas! Escrevi um projeto sobre reescritura do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Conforme abaixo, após algumas alterações:

³⁶ O livro com todas as crônicas finalistas pode ser encontrado na página
<<http://www.nre.seed.pr.gov.br/patobranco/arquivos/File/2012/Portugues/cronicasfinalista2010.pdf>>.

PROJETO DE LEITURA E REESCRITURA

Trabalho a ser desenvolvido com os alunos do 9º ano, do ensino fundamental

<p>Título: <i>Lima Barreto: vida e obra e Professor Policarpo Quaresma, amor em microcontos</i></p> <p>Identificação do/a professor/a, do ano escolar e do livro: Nome: DAMIANA MARIA DE CARVALHO Escola em que trabalha: ESCOLA MUNICIPAL PEREIRA PASSOS Município: RIO DE JANEIRO Componente curricular: LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO Livro selecionado: TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, DE LIMA BARRETO Data de finalização: 4º BIMESTRE/2011</p>	<p>Preencha cada item com a informação solicitada</p>
<p>Objetivos pretendidos com a atividade proposta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Inserir o aluno no mundo dos clássicos da Literatura Brasileira; • aguçar a curiosidade do aluno sobre a vida do escritor da obra selecionada através de vídeos, documentários, livros, pesquisas e trabalhos escritos; • estimular o aluno a ler e reescrever o romance <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>, de Lima Barreto, propiciando a reflexão de temas contemporâneos que dialoguem com o já dito, com a temática da obra original; • ler com a classe a epígrafe que abre o livro e indagar a respeito da expectativa que ele cria em torno da história do personagem principal; • observar como é feita a narração e verificar se o narrador é onisciente ou não; • verificar o que o aluno sabe sobre o período histórico em que sucede a história (marechal Floriano Peixoto e a Revolta da Armada); • verificar o que o aluno sabe sobre o pré-modernismo (características desse período); • renomear os capítulos do romance, procurando criar títulos que tenham uma dupla função: informar e despertar o interesse do leitor; • destacar as iniciativas de Policarpo Quaresma e seu sentimento nacionalista; • explicar o motivo que levou Policarpo Quaresma a ser internado no hospício; • explanar a dimensão nacionalista do projeto agrícola de Policarpo Quaresma; • justificar a decepção de Policarpo Quaresma com relação à figura do marechal Floriano; • explicar a diferença de objetivos que há entre a atuação de Policarpo Quaresma na Revolta da Armada e a dos demais personagens; • perceber a crítica social contida no romance, sobretudo os militares, os políticos e os funcionários públicos; • analisar o papel da mulher na sociedade da época; • elucidar o processo de conscientização de Policarpo Quaresma com relação à realidade brasileira; • incitar a reflexão e desenvolver a capacidade de dissertação e argumentação a cerca da realidade (social, cultural e política) do personagem e da realidade (social, cultural e política) do aluno-leitor; • provocar o aluno a tomar posição diante de questões essenciais da vida, a praticar o exercício da liberdade de pensamento e de expressão (oral e escrita) a fim de intervir no lugar onde vive; • fomentar o aluno a pesquisar em jornais, revistas, livros, filmes, sites etc. aspectos sociais, culturais, ideológicos, políticos e econômicos do final do século XIX e do século XXI; • retratar a cidade e a sociedade atual com o olhar fotográfico de um cronista, objetivando ilustrar as páginas da reescritura: <i>Lima Barreto: vida e obra e Professor Policarpo Quaresma, amor em microcontos</i>; • formar grupos de debates para traçar a trajetória, por imagens e temas, do livro <i>Lima Barreto: vida e obra e Professor Policarpo Quaresma, amor em microcontos</i>; • planejar a reescritura do livro a partir do material pesquisado, da conclusão dos debates, das fotografias e dos projetos (social, cultural e político) que permearão o texto; • organizar os alunos em grupos para escritura dos microcontos, conforme as imagens e os temas que serão abordados; • produzir a primeira versão do novo livro; • ler, refletir sobre o escrito, propor modificações e reescrever; • ler e reescrever os microcontos, conforme sugestões de mudanças propostas pelos envolvidos, com a orientação direta da professora; • fazer revisão geral – professora; 	<p>Redija os objetivos na forma de itens. Inicie cada uma das frases com verbos no infinitivo, como por exemplo: desenvolver, estimular, criar, apoiar, divulgar etc.</p>

<ul style="list-style-type: none"> • convidar um/a professor/a para escrever o prefácio; • discutir a produção gráfica da capa da reescritura (fotografia, desenho, cor, fonte do título etc.); • confeccionar a capa, conforme decisão dos envolvidos; • aprovar ou refazer a capa; • montagem final do livro; • Lançamento do livro. 	
<p>Descrição da atividade:</p> <p>A nossa atividade principal é a reescritura do romance pré-modernista <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>, de Lima Barreto.</p> <p>Depois que todos os alunos lerem o romance na íntegra, iniciaremos um processo de reflexão a respeito dos temas do livro e do ato de reescritura de uma obra consagrada pela literatura brasileira. Ou seja, propomos algumas atividades que ajudarão o leitor-escritor a aprofundar sua compreensão da obra, sugerindo também, outras possibilidades de contar a história, de recriá-la ao seu modo, em outra época, em outro lugar, com um sentimento novo e ampliado por outras leituras e linguagens.</p> <p>Abaixo, indicaremos passo-a-passo as ações a serem realizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar vídeos sobre Lima Barreto: vida e obra; • fazer uma roda de leitura para que os alunos possam acompanhar a leitura do romance feita pela professora; • dividir a turma em três grupos. Cada um deles será responsável por uma parte do romance, que corresponderá aos projetos do major Quaresma: um projeto cultural, um projeto agrícola e um projeto político; • reunir os grupos a fim de debater os projetos da obra original (<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>) e para traçar a trajetória, por imagens e temas, da reescritura, que terá o nome de <i>Lima Barreto: vida e obra e Professor Policarpo Quaresma, amor em microcontos</i>; • planejar a reescritura do livro a partir do material pesquisado, da conclusão dos debates, das fotografias (tiradas ou copiadas) e dos projetos (social, cultural e político) que permearão o novo texto; • organizar os alunos em grupos para escritura dos microcontos, conforme as imagens e os temas que serão abordados; • produzir a primeira versão do livro; • ler, refletir sobre o escrito, propor modificações e reescrever; • ler e reescrever os microcontos, conforme sugestões de mudanças propostas pelos envolvidos; • fazer revisão geral – tarefa da professora orientadora; • convidar um/a professor/a para escrever o prefácio; • discutir a produção gráfica da capa do livro escrito pela professora e pelos alunos (microcontos, fotografias, desenhos, cor, fonte etc.); • confeccionar a capa, conforme decisão dos envolvidos; • aprovar ou refazer a capa; • montagem final do livro; • confecção de cartazes informativos sobre o dia e o local do lançamento do livro; • lançamento do livro produzidos pelos alunos na Escola Municipal Pereira Passos. 	<p>Descreva o que é a atividade e como ela será realizada. Observe se é o caso de indicar o passo-a-passo das ações a serem realizadas.</p>
<p>Espaço físico onde deve ou pode ser realizada a atividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Será usado o pátio da Escola Municipal Pereira Passos para lançamento do livro. 	<p>Indique local e, se necessário, suas condições.</p>
<p>Material necessário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Livros (<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>) para todos os alunos do 9º ano, papel A4, cartolina, tinta, pincel, pilor, lápis, caneta, cola, tesoura, livro, revista, jornal, computador, impressora, TV, DVD, mesa, cadeira etc. 	<p>Por exemplo, papel, tesoura, cartolina, etc.</p>
<p>Meio de comunicação a ser utilizado, caso necessário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • mural da escola. 	<p>Por exemplo, livro, mural, jornal, projetor, TV, vídeo, DVD, computador etc.</p>

<p>Tempo necessário à realização da atividade (aproximadamente: 1 ano letivo – no nosso caso, tentaremos fazer em 2 bimestres):</p> <ul style="list-style-type: none"> • apresentação dos vídeos selecionados pela professora sobre Lima Barreto: 15 dias; • pesquisar a biografia de Lima Barreto: 15 dias; • escrever a biografia de Lima Barreto em microcontos: 15 dias; • leitura do romance original: 15 dias; • debate entre os grupos do enredo do romance original: 15 dias; • planejamento das atividades a serem desenvolvidas: 15 dias; • debates a cerca da reescritura do romance em microcontos: 15 dias; • releitura do romance <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>: 15 dias; • execução do projeto de reescritura: 30 dias; • revisão e reescritura do livro: 15 dias; • releitura do romance de origem e da reescritura: 30 dias; • revisão e reescrita do novo livro: 15 dias; • elaboração da capa do livro: 10 dias; • escrita do prefácio: 15 dias; • confecção de cartazes informativos do lançamento do romance: 05 dias; • lançamento do romance <i>Lima Barreto: vida e obra e Professor Policarpo Quaresma</i>: 04 horas. <p>OBSERVAÇÃO: o cronograma para desenvolvimento das atividades deve ser adaptado de acordo com as necessidades do professor e dos alunos.</p>	<p>Indique em horas e/ou em número de dias ou semanas.</p>
<p>Número ideal de participantes por turno:</p> <p>1º - alunos do Ensino Fundamental I;</p> <p>2º - alunos do Ensino Fundamental II.</p>	
<p>Descrição dos/as participantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • alunos/as; • professores; • coordenação e direção da escola; • convidados externo à escola: a cargo da direção. <p>OBSERVAÇÃO: cada professor poderá fazer as modificações que julgar necessárias para a divulgação do trabalho final.</p>	<p>Indique se são alunos/as e de que série/s, professores/as da e de quais disciplinas, dirigentes de escolas, pais, convidados/as externos à escola e instituições às quais pertencem.</p>
<p>Avaliação:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. participação; 2. desempenho: estrutura, coerência, coesão e adequação vocabular; 3. autoavaliação; 4. avaliação dos professores; 5. média dos itens acima. <p>OBSERVAÇÃO: essa avaliação poderá ser modificada em função da decisão dos envolvidos no projeto, direto ou indiretamente.</p>	<p>Indique como pensa em fazer a avaliação da atividade.</p>
<p>Outras informações pertinentes:</p> <p>Esse projeto poderá ser usado como modelo para reescritura de outros livros, inclusive para o Ensino Fundamental I e o Ensino Médio. Para tanto, é importante selecionar a obra adequada ao ano escolar do aluno e que o livro seja de domínio público.</p>	

Os professores, que tiveram seus projetos selecionados pela CENPEC, participaram de um encontro nacional realizado em Brasília. Nesse encontro, participamos de diversas palestras e oficinas direcionadas a aplicabilidade dos projetos em sala de aula. No meu caso, o meu professor orientador sugeriu que a reescritura, que inicialmente seria no gênero romance, fosse feita em microcontos. Realmente, a mudança de gênero não só agilizou o nosso trabalho em sala de aula como também o tornou mais prazeroso e acessível a todos os alunos.

Durante o desenvolvimento do projeto na Escola Municipal Pereira Passos, tive o prazer de ser convidada, entre outros professores, para participar de um encontro na MULTIRIO com a Profª Drª Maria Teresa Tedesco, Ana Paula Lisboa e Gina Paula, a fim de trocarmos ideias sobre a questão entre leitura e escrita. O programa tinha como foco o Ensino da Língua Portuguesa: Formação Continuada de professores. Nesse encontro – 3º bloco do programa - aproveitei para perguntar à Profª Drª Maria Teresa Tedesco se o projeto, que eu estava desenvolvendo com o 9º ano, estava em consonância com os cadernos pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. A sua resposta me deixou bastante confiante e feliz. Assim ela comentou: “O seu projeto, Damiana, está em consonância com os cadernos pedagógicos, sim. A leitura de um romance clássico pelo 9º ano é ideal por ser uma leitura mais densa, prepara o aluno para o Ensino Médio, preparando-o para a leitura dos clássicos da Literatura Brasileira. Além do projeto apresentar esta simbiose leitura e escrita.”³⁷

O livro não atingiu todos os itens planejados por uma questão muito simples: tempo. Mesmo assim, ficou bom. Para um projeto desse porte, o ideal é fazermos oficinas fora do horário escolar, o que nem sempre é possível por uma série de problemas que os professores se deparam em sua profissão, principalmente salarial.

Entrando mais diretamente no trabalho que desenvolvi com meus alunos e que pretendo desenvolver, em parte, com os participantes dessa oficina, vou tecer alguns comentários a respeito para tornar mais nítida minha proposta.

Quem bate os olhos pela primeira vez no título do livro *Lima Barreto: vida e obra e O professor Policarpo: amor em microcontos* tem a impressão de que há aí implicitudes que convidam o leitor a conferir e a testar suas intuições. De fato, não apenas intuições serão ou não confirmadas, mas o leitor descobrirá também que está diante de um livro que dialoga com o autor e com o clássico *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, porém com uma linguagem nova e ampliada: uma espécie de “suplemento” (SANTIAGO, 1989). Estamos falando também da linguagem da internet, do desafio do escritor de microconto literário, de um texto que pode ser postado no Twitter, por exemplo. Estamos falando da velocidade comunicativa e da aventura de, em poucas palavras, dizer muito e sugerir um milhão de ideias, de histórias. Para tanto, depende das intenções do escritor e da audácia de cada leitor.

Para entendermos esse gênero, ainda em construção, tomamos como referência o texto de Antonio Gil Neto³⁸, intitulado *No microconto, a essência. E um mar de histórias*. Essa leitura nos proporcionou uma visão mais objetiva do gênero e conseguimos visualizar a riqueza literária que um microconto é capaz de condensar em uma narrativa de apenas 140 toques. Mas não se engane, caro leitor, a escritura de um microconto não é tarefa fácil. Talvez seja uma das mais trabalhosas e, ao mesmo tempo, apaixonante.

Pensar no leitor a quem pretendemos direcionar a nossa escrita é muito importante. Segundo Antonio Gil, “sem ele, seu repertório, e gana o microconto não terá vida”. A esse respeito ele pensou: “quantos contos, novelas, romances estarão guardados num simples microconto? No fio da meada criadora, um microconto se transformaria em conto (e vice-versa). É só alinhar personagens as tramas, deixar vir à tona os desfechos que (re)pousariam nas palavras.” (p. 02).

Inicialmente, para mergulhar o aluno no mundo de um dos maiores clássicos da literatura brasileira, começamos pela exposição de dois importantes vídeos do programa *De Lá Pra Cá*, apresentado por Ancelmo Gois³⁹, e o filme *Policarpo Quaresma, Herói do Brasil*.⁴⁰ Na sequên-

³⁷ O vídeo na íntegra se encontrado no endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?=inTIQnemFzg>

³⁸ GIL NETO, Antonio. *No microconto, a essência. E um mar de histórias*. Disponível em: <http://www.escrevendo.cenpec.org.br>.

³⁹ Vídeos 1 e 2, do programa *De Lá Pra Cá*, de Ancelmo Gois, disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=M4roQqpotY> e em <http://www.youtube.com/watch?v=UDogbGTI6cY&feature=relmfu>.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.terra.com.br/cinema/comedia/policarpo.htm>.

cia, foi fundamental fazermos uma leitura para e com a turma do texto de Antonio Gil Neto, com explicações de acordo com os questionamentos dos alunos, e também da biografia de Lima Barreto em microcontos. Esse ponto é de suma importância para que o aluno perceba o real sentido de um microconto. E mais ainda! Que o professor mostre ao aluno como escrever um microconto. Afinal, ele só poderá exigir de seu aluno aquilo que também é capaz de fazer. Ou seja, o professor de Língua Portuguesa e Literatura precisa expor mais sua capacidade de leitor-escritor. Foi com esse objetivo que eu escrevi o primeiro capítulo do livro, intitulado: *Lima Barreto: vida e obra em microcontos*.

Vários pontos de um projeto de leitura e escrita merecem nossa atenção, por isso, devemos delinear bem o ponto de partida, a trajetória e o ponto de chegada. Foi o que pude comprovar durante o desenvolvimento do projeto. Vejamos o porquê.

Por termos menos de dois bimestres para desenvolver o projeto, não era nosso objetivo para este ano de 2011 – quando o tempo ideal seria de um ano - apresentarmos trabalho de pesquisa biográfica do autor que ultrapassasse a sala de aula – não constava em nosso cronograma. Entretanto, a direção e a coordenação da E.M. Pereira Passos, onde leciono Língua Portuguesa, elaboraram um projeto chamado *Maratona de História na Pereira Passos: cada autor tem sua história*. O que seria esse projeto? Cada professor, independentemente da matéria que leciona na escola, coordenaria uma turma na elaboração de um *banner* com a biografia do autor escolhido por ele. No meu caso, como eu já estava trabalhando com a turma do 9º ano o livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*, conseqüentemente, o autor escolhido não poderia ser outro: Lima Barreto.

Esse projeto foi apresentado na E.M. Pereira Passos, por todas as turmas, no dia 14 de outubro de 2011. Um sucesso! Em minha turma, 1901, fiz descobertas incríveis. Alunos que normalmente se recusavam a participar de trabalhos em grupo ou individual reproduziram com perfeição caricaturas de Lima Barreto. Outro, nesse caso um aluno aplicado, reproduziu no *banner* as fotos dos pais de Lima Barreto e uma foto enorme do escritor foi desenhada bem no centro do *banner*. O Café Java (que era frequentado por Lima Barreto) e o Hospício da Praia Vermelha (local que Lima Barreto foi internado como louco) também foram reproduzidos por ele. No rodapé do *banner* outro grupo colou as principais obras do autor em formato de livro (confeccionados com isopor e colagem da capa das obras). Em sala de aula, outros grupos fizeram maquetes da casa de Lima Barreto na Ilha do Governador e também do Café Java. Ainda em sala, confeccionaram diversos cartazes com a biografia de Lima Barreto e suas principais obras.

Então, o livro *Lima Barreto: vida e obra e Professor Policarpo: amor em microcontos* ganhou um novo desenho. A partir do trabalho biográfico que os alunos fizeram, reformulei meu projeto e compartilhei com meus alunos esse novo formato. O aproveitamento de parte do trabalho apresentado incentivou a retomada da produção do nosso livro, que passou a ser também permeado com os trabalhos de imagens apresentados pelos alunos. Em diversos momentos, microcontos e imagens estão dialogando dentro da reescritura. Vocês poderão comprovar, na íntegra, o resultado desse trabalho durante a Oficina, na UERJ.

Na escritura do livro, houve uma grande parceria entre nós – a professora orientadora e os/as alunos/as -. Fiz questão de mostrar aos alunos que eu também estava completamente envolvida com o ato de leitura e de escrita – escrevi diversos microcontos para este livro, além da mencionada biografia -. Eles não só perceberam meu envolvimento, como também, muitos, tímidos ainda, se descobriram escritores capazes de escrever coisas interessantes e outros, desenhistas. É claro, que, inicialmente, muitos alunos se depararam com dificuldades diversas, tais como, em encontrar o tom, a palavra mais adequada, o recorte de um trecho do livro original que merecesse ser transformado em microconto, que se encaixasse com o novo enredo a ser desenvolvido. Nesse processo, diversas vezes eu fiz indicações, sugeri novas leituras, reescrevemos os microcontos que não estavam adequados etc. Durante todo o percurso do projeto, procuramos guardar a ideia de que “mais do que contar uma história, o microconto tem a função de sugerir diversas histórias” (Gil Neto, p. 02).

Para escrever a biografia do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, selecionei o texto de Carlos Faraco (1997), tendo em vista o tamanho do texto, a riqueza de detalhes sobre a vida e a obra de Lima Barreto e também as imagens representativas daquela época.

A seguir, uma pequena mostra dos microcontos, sem as imagens por questões de direitos de imagens:

2. Parte I

2.1. Lima Barreto: vida e obra em microcontos

O CASAL DE MULATOS:

Eu sou o tipógrafo da Imprensa Nacional, João Henriques Lima Barreto. Casei-me com a professora Amália Augusta, que me deu 5 filhos.

O FILHO:

Meu primeiro filho viveu 8 dias. Em uma sexta-feira 13 do mês de maio de 1881, em Laranjeiras, nasceu meu segundo filho: Afonso Henriques.

O MÉDICO:

Eu era um homem culto, mulato e pobre que queria ser grande. Um grande médico! Amália morreu. Enterrei o médico. Deixei apenas o pai viver.

LEMBRANÇA:

Eu não me lembro de Amália morta. Lembro-me das crianças. O mais novo tinha 2 anos, chorava muito. Afonso, menos de 7 anos, abraçou-me forte.

A LEI ÁUREA:

13 de maio de 1888. Afonso Henriques Lima Barreto completou 7 anos. A Lei Áurea foi assinada. E o preconceito manteve-se cruelmente vivo.

A REPÚBLICA:

Era 15 de novembro de 1889, quando proclamaram a República. Começou a perseguição. Eu era monarquista. Pedi exoneração com desespero no coração.

ALIENADOS:

De tipógrafo a administrador da colônia de alienados da Ilha do Governador. Foi o que o meu ilustre compadre Afonso Celso me arrumou.

CASA NA ILHA DO GOVERNADOR:

Levei minha família para morar comigo na Ilha do Governador. Afonso Henriques ficou no Rio de Janeiro para continuar os estudos.

A LOUCURA:

Na colônia de alienados mentais, o contato diário com a loucura, com os porões escuros e confusos da mente humana. Enlouquecia-me a cada dia.

VIRAR DOUTOR:

Eu não consegui ser médico, mas quero meu filho doutor. De anel no dedo e tudo, com título de superior. Dr. Afonso Henriques Lima Barreto!

A COR:

Afonso Henriques escolheu o curso de engenharia civil da Escola Politécnica do Rio, onde sentiu na pele o preconceito de cor e de classe social.

O NINHO:

Na Politécnica, lugar de jovens ricos, elegantes, brancos e de sobrenomes famosos, o mulato Afonso Henriques sentia-se um estranho no ninho.

NOME DE REI:

Narram que um dia um colega da Politécnica disse: “Olhem só! O tamanho da audácia do mulato Afonso! Usar o nome do rei de Portugal!”

O FUTURO:

Eu havia traçado um destino para meu filho Afonso. Este ainda não sabia que a voz do escritor iria gritar mais alto do que a do pai.

O COMEÇO:

Em *A Lanterna* e *A Quinzena Alegre*, meu filho publicou seus primeiros textos, sob os pseudônimos de “Alfa Z” e “Momento de Inércia”.

A HOSTILIDADE:

Ele não nasceu assim tão irônico e sarcástico. Foi a hostilidade do meio. Foi a pedra no meio do caminho. Era uma vez os poderosos...

ESTILHAÇOS:

Era uma vez uma pedra no meio do caminho. O poder. Afonso pegou papel e caneta e a detonou em milhões de fragmentos verbais e não-verbais.

O DELÍRIO DO JOÃO:

Uma noite de 1902, não me lembro o dia e o mês, meu pai foi dormir sadio e acordou louco. Deixando-me uma pesada herança e nenhum futuro.

OS ESTUDOS:

Eu era o responsável pelo sustento da família. Abandonei a Politécnica. Prestei concurso para amanuense e comecei a trabalhar em 1903, no Ministério da Guerra.

A CASA DO LOUCO:

Mudamos para a rua Boa Vista, no subúrbio de Todos os Santos. Meu pai gritava dia e noite. Era enlouquecedor! Nossa casa, a *casa do louco*.

A GENTE SONHA:

No Ministério, estava condenado a copiar e redigir documentos. Mas, dentro de mim gritava a literatura. Sonhava com a glória que ela me daria.

O COLEGA DE REPARTIÇÃO:

Conheci *Domingos Ribeiro Filho* no Ministério. Ele era escritor e frequentador dos cafés do Centro. Com ele passei a frequentar o Café Java.

O MEIO JORNALÍSTICO:

Nos cafés, conheci de perto gente do meio jornalístico. Comecei a escrever para o *Correio da Manhã* sobre as escavações no Morro do Castelo.

A MEDIOCRIDADE

Sentia crescer em mim a vocação de romancista. Tornava-se cada vez mais difícil suportar a mediocridade do Ministério e do meio familiar.

NO TRABALHO:

Era obrigado a ouvir ironias e gozações em torno de meus sonhos literários. Por eu ser mulato, julgavam-me incapaz de virar intelectual famoso.

NO SUBURBIO:

Em Todos os Santos, onde morava, a minha paixão era reduzida a mania de literatura, a coisa sem futuro. Reduziam-me a incapacidade total.

COMPULSIVO:

Eu escrevia sem ordem nenhuma e de forma compulsiva. Em minha cabeça desfilavam diversas obras e personagens ao mesmo tempo.

O QUARTO:

Em meu quarto a velha cama, a biblioteca, a escrivaninha, a paixão à literatura, o sonho de glória das letras e os gritos delirantes de meu pai.

O ÁLCOOL:

Eu não queria beber em excesso, mas os problemas multiplicavam-se em milhares. Vocês sabem que digo a verdade. Escrevi em meu *Diário íntimo!*

EDITOR:

No Brasil, não bajulei ninguém e não publicaram *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Em Portugal, concordei em nada receber pela publicação.

AUTOBIOGRÁFICOS:

Muitos de meus livros, vocês já perceberam, possuem traços nitidamente autobiográficos. Neles, escrevo com sangue a dor do preconceito.

REBELDIA:

Eu não aceitava aquela sociedade impiedosa. Esse inconformismo fez de mim um homem de escrita feroz. Inaugurei o cenário da rebeldia antes 22.

IMPrensa:

Em 1909, eu era jornalista do *Correio da Manhã*, meu livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha* foi publicado, mas o escândalo não aconteceu.

O SILÊNCIO:

Querido leitor, o silêncio da imprensa em relação ao meu livro me feriu fundo. Os gritos de meu infeliz pai silencieei com uma garrafa de *Parati*.

BEM COMPORTADO:

Os donos da cultura não queriam as minhas críticas. Não queriam uma literatura fora do tom e dos padrões de linguagem. Não havia liberdade!

LIBERDADE:

Meu jeito de ser livre me custou caro: decepção, falta de dinheiro, de reconhecimento e de esperança. Só o álcool me deu prazer. Delfrio!

ESTRAGO:

Dentro de um copo ou de uma garrafa, só ela era capaz de me entender. Apaixonei-me por ti *Parati!* Por que me destruíste assim?

PRESENTIMENTO:

Não sei explicar o porquê, mas quando algo ruim estava para acontecer eu pressentia: a morte de minha mãe, a catástrofe com meu pai. Um medo...

O TRISTE FIM:

Em três meses eu me escrevi em *Policarpo*. O *Jornal do Comércio* começou a publicá-lo em folhetim no dia 11 de agosto de 1911.

LITERATURA:

Era uma vez um homem apaixonado pela literatura brasileira que o álcool não conseguia deteriorá-la. Por ele, virei figura acabada.

NAQUELA NOITE:

Expediente no Ministério, crônica para o *Correio da Noite*, andanças pelos bares, retorno à rua Major Mascarenhas, abril de 1914: alucinações.

GUARATIBA:

Levaram-me para descansar na casa de um tio. Os fantasmas e os inimigos foram comigo. Tornei-me agressivo. Chamaram a polícia.

HOSPÍCIO:

Em 1914, fiquei hospedado no Hospício da Praia Vermelha. Era a minha primeira estada no inferno. No *Cemitério dos vivos*.

O TEMPO:

No hospício, o tempo passa lentamente. Dois meses transformam-se em 4 anos facilmente: “Como o homem chegou” ao Rio, trazido de Manaus.

A VOLTA:

Voltei com vontade de escrever. Em 25 dias o romance *Numa e a Ninfa* ficou pronto. Em 1915, o jornal *A Noite* o publicou em folhetins.

POLICARPO:

Eu tinha uma ideia fixa, publicar o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* em livro. Fiz empréstimo. Banquei a publicação em 1915.

REALIZAÇÃO:

Enfim, alcancei a glória. Falaram bem do romance e de mim, o autor Lima Barreto. Jornais de grande porte dedicaram-nos enormes espaços.

A GUERRA:

Na época da 1ª Guerra, em meus artigos jornalísticos, eu distribuía críticas, inclusive contra a ideia de patriotismo de Olavo Bilac.

NOVAS PUBLICAÇÕES:

Por minha conta e risco, em 1917, paguei para editar em livro a obra *Numa e a Ninfa*. Nessa época eu já devia 20 contos de réis a diversos.

SAÚDE:

Fui internado no hospital para tratamento de saúde. Lembro-me do ano 1918. Ano em que fui aposentado no Ministério da Guerra por invalidez.

MONTEIRO LOBATO:

Em 1918, do hospital, enviei a Monteiro Lobato os originais de *M. J. Gonzaga de Sá*. Surpreso, recebi a proposta de edição e de direitos autorais.

O EDITOR ESCRITOR:

Monteiro Lobato foi quem mais levou a sério as minhas obras. Compreendeu-as em suas devidas proporções e guardou-me respeito.

REFLEXOS:

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá é a obra melhor trabalhada. Nela, reflexos de minha vida, do orgulho de descender do povão.

APLAUSOS:

Publicada em 1919, *Gonzaga de Sá*, recebeu aplausos da crítica. Aproveitei para candidatar-me à ABL. De novo não fui aceito.

NATAL:

Era noite de natal de 1919, eu perambulava pelas ruas: sujo, com a roupa rasgada, o corpo exalava puro álcool e em delírio igual ao meu infeliz pai.

O IRMÃO:

Meu irmão Carlindo internou-me. Era a segunda hospedagem naquele inferno. Lá, fiquei por 2 meses e iniciei a escritura do *Diário do Hospício*.

MALTRAPILHO:

Aos 40 anos eu era um velho. Cheirava mal, aspecto maltrapilho. Nesse estado lastimável, era visto por todos. Faltava-me algo essencial.

A VISITA:

Monteiro Lobato veio de São Paulo ao Rio para me conhecer pessoalmente. Eu estava muito bêbado. Ele decidiu não se identificar.

MIRASSOL:

Ranulfo Prata era médico e escritor. Morava em Mirassol, interior de São Paulo. Ele admirava minha obra e convenceu-me a ir até Mirassol.

ABSTINÊNCIA:

Com os cuidados de Ranulfo, uma dieta controlada, a abstinência do álcool e o afeto de novos conhecidos ganhei um aspecto menos deplorável.

CONHECI MONTEIRO:

Durante minha passagem por São Paulo, conheci pessoalmente *Monteiro Lobato*. Um sábio escritor de temas brasileiros – do real ao mítico-.

O DESAFIO:

Eu fui convidado a dar uma palestra em Rio Preto sobre a função da literatura. Escrevi o ensaio. Na hora, fugi! Bebi! Encontraram-me na sarjeta.

O ATO DE ESCREVER:

Escrever, para mim, é uma forma de denúncia. Para isso, lanço mão de uma linguagem clara, simples e coloquial, sem erudição e adornos.

CRÍTICAS:

Recebo pesadas críticas. Acusam-me de desleixado, de não saber gramática. Enganam-se! Eles sim! Não conhecem as variações de nossa língua!

TRAFEGO:

Não gosto da literatura passatempo. Trafego pelos grandes acontecimentos: Floriano Peixoto, febre amarela, feministas, economia, 1ª Guerra etc.

DESEQUILIBRIO:

Meu amigo Enéas Ferraz foi quem me viu pela última vez. Naquele 7 de setembro, andei o dia todo e por todos os lugares que gostava no Centro.

ALMA:

Faltava-me ânimo, as coisas andavam mal em minha alma, em minha casa, em minha cidade, em meu país... Eu pressentia o fim.

EVANGELINA:

Era 1º de novembro de 1922, Evangelina me trouxe uma refeição no quarto. Não havia ninguém comigo. O colapso cardíaco foi inevitável.

NINGUÉM:

No meu velório, havia muitos amigos de andanças e de *Parati*. Um amigo leitor “não sou Ninguém” descobriu o meu rosto e beijou-me a testa.

MINHA AMADA:

Escrevi muito. Sofri e amei mais ainda. Deixo para a eternidade os 17 filhos que tive com a figura feminina mais amada: *a Literatura*.

O ENCONTRO:

Meu pai teve um momento de lucidez: “Afonso morreu, Evangelina?” Ela emudeceu. 48 horas depois de minha morte, o velho veio ao meu encontro.

Apenas alguns microcontos escritos a partir do livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

3. Parte II

3.1. Professor Policarpo: amor em microcontos

Eu me chamo *Policarpo*. Saio às 22h do Pedro II, onde sou professor de literatura, e caminho até minha casa. E lá, a minha espera, Olga.

Olga, como se fosse a aparição de uma estrela, visitava-me repentinamente. Com muito respeito e afeto, dava-me beijos de boa noite.

Eu vivia num isolamento bibliotecal, embora fosse gentil com as pessoas, preferia a companhia dos livros. Exceto quando se tratava de Olga.

Com os alunos, eu me transformava. Virava poeta, cronista, contista, violinista e até cantor de modinhas e contador de lendas e mitos do Brasil.

O mito das Amazonas, mulheres guerreiras, é um dos quais eu gosto. Entretanto, são os mitos genuinamente brasileiros que me cativam.

Escrevi mais uma modinha: *o Amazonas se liga ao Negro*.

Nunca mais esqueci os olhos daquela menina: vivos, fixos em mim, da cor do céu azul em dia de sol. “Batizo-te Olga Coleoni”, disse o padre.

Eu era um rapaz de 21 anos, quando me tornei padrinho de Olga. Ela cresceu rápido demais. Havia entre nós uma grande afeição e o desconhecido.

Sempre fui uma pessoa reservada. Não me sentia a vontade para demonstrar meus sentimentos. Quando o fazia, era com timidez. Diferente de Olga.

Adivinhava que a moça não ocupava no meu coração somente o lugar dos filhos que eu ainda não tivera. Sentia o proibido silenciosamente doer.

Olga era uma menina calorosa. Falava desembaraçadamente. Não me escondia sua afeição e que sentia em mim alguma coisa de superior, um ideal.

Ela via em mim uma ânsia de seguir um sonho, uma ideia, um voo para altas regiões do espírito que ela não estava acostumada a ver em ninguém.

Fascinava-me o quanto ela me conhecia. Por outro lado, sentia muito medo que ela descobrisse o que vivia dentro das profundezas do meu ser.

Eu, um cidadão brasileiro e professor, com o sonho de tornar o tupi-guarani, que é nosso, a língua oficial, sou motivo de chacota! (in)Letrados?

Os jornais traziam comentários maldosos, faziam pilhéria sobre mim, publicavam minha caricatura em tom de deboche, apontava-me na rua etc.

Eles falam de quem e do que não conhecem! Com essa gente só troquei coisas corriqueiras. Olga sabe a verdade, entre nós há admiração e afeto.

Olga não me julgava. Nela falava o amor às grandes coisas e aos cometimentos de feitos ousados. Lembrei-me que lhe falara em emancipação.

Eu escrevi um ofício ao Secretário de Educação. Por distração, o ofício em tupi seguiu junto com outros documentos e o diretor assinou.

Depois do tal ofício em tupi, dizem que enlouqueci. Prenderam-me. Internaram-me numa casa imensa, uma espécie de hospital e prisão. *Hospício*.

No *Pinel*, meditei sobre a loucura. Fiquei angustiado diante do grande mistério que é a mente humana. Onde termina o sonho e começa a loucura?

O hospício! O lugar dos loucos ou dos que ousaram lutar? Estou vivendo numa sepultura. Existem outros, muitos outros atormentados, com medo.

Hoje recebi a visita de Olga. Pareceu-me sentir o horror da loucura, a angústia do mistério que ela encerra. Abraçou-me com doçura e certeza.

Se não fosse meu compadre Coleoni, meu amigo Ricardo Coração dos Outros e minha amada afilhada, a loucura passaria do papel para a vida.

Fui pego de surpresa com a notícia do noivado de minha afilhada com o doutorando Armando Borges. Preferi ficar mais um tempo no hospício.

Perguntei se Olga gostava do noivo. Ela ficou um longo tempo em silêncio, como se não soubesse o que responder. “Será que ela me ama?”, pensei.

Disse-me: “Padrinho, os rapazes que eu conheço não tem ‘o quê’ de especial. Sabe, aquela força de projeção para as grandes coisas?”.

Em minha loucura, tive que me controlar. Percebi que ela ia casar por hábito da sociedade, talvez por não poder aceitar que ama o proibido.

Levaram-me do hospital para um lugar funesto. Olga ficou sabendo. Desesperou-se. Pediu, suplicou, humilhou-se ao Marechal Floriano. Atiraram...

Todos se foram! Ela encontrou meu corpo imóvel e deteriorado. Abraçou-me com cuidado. Beijou-me os lábios e levou-me para o sítio sossego.

Meu crime foi lembrar ao Secretário de Educação do governo Marechal Floriano, em tupi, que o crescimento do Brasil depende do professor.

Os donos do poder calaram a minha voz em 1911. Hoje, 100 anos depois, escreveria o ofício em português, mas sem mudar uma vírgula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARACO, Carlos. *Vida e Obra de Lima Barreto: Uma literatura afiada*, RJ: Ática, 1997.

GIL NETO, Antonio. *No microconto, a essência. E um mar de histórias*. Disponível em: <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br>>.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no Modernismo. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.